

Feitorias de influência: a diplomacia da presença global

Qual a importância de infra-estruturas pesadas e dos sistemas físicos de logística na era da informação imediata, do transporte aéreo regular e da vigilância permanente a partir da alta atmosfera (“drones”) e do espaço (satélites)? Qual o papel geo-estratégico de uma rede global de equipamentos terrestres e marítimos quando a doutrina actual se inclina para um uso crescente das novas tecnologias e do “soft power”?

Questões como estas levam a uma reflexão sobre o lugar das velhas fontes de poder e influência no século XXI. O objectivo de tal nexo de interrogações está ligado à necessidade constante de revermos o estado actual da gestão dos negócios políticos internacionais e de permanentemente tentarmos ver as estruturas de poder e influência para além do manto opaco da retórica e das modas de pensamento.

Os ossos, os músculos, o sangue e os nervos de um império: O mundo clássico

O Império Romano, o império mais imitado de todos os tempos, é entre vários aspectos vividamente lembrado pelo sistema de

THE BASES OF EMPIRE: THE GLOBAL STRUGGLE AGAINST US MILITARY POSTS. EDITADO POR CATHERINE LUTZ, PLUTO PRESS, LONDRES, 2009

As bases são âncoras simbólicas e reais de poder. Em 1938 os EUA tinham 14 bases fora das suas fronteiras continentais. A queda do muro de Berlim e o 11 de Setembro levaram a vagas de expansão para territórios que alastraram a presença norte-americana para além do perfil da Guerra Fria. Investigação recente revela que hoje os EUA mantêm no mundo cerca de mil bases militares e unidades de apoio (i.e. instalações regularmente usadas pelos militares norte-americanos) em cerca de 50 países, entre as quais mais de 200 na Alemanha, mais de 100 no Japão, e entre 50 e 100 em países como a Coreia do Sul, Itália e Reino Unido (os dados são difíceis de confirmar com exactidão). As estimativas apontam para cerca de 190.000 efectivos militares e 150.000 civis.

estradas, pontes, aquedutos, fortes e portos. Estes grandes feitos de ciência e engenharia consistiam nos ossos de pedra sobre os quais se edificava o império. O propósito deste aparelho era duplo: sustentação económica e manutenção por via militar da influência transcontinental da antiga Roma. Tanto os cidadãos como a administração imperial dependiam da eficiência destas infra-estruturas. Por um lado esses equipamentos permitiam a circulação de mercadorias e a barata distribuição de mercadorias. O império era uma tapeçaria de rotas comerciais irrigando de sangue (riqueza e novos produtos) o vasto território. Por outro lado esses equipamentos permitiam o acantonamento e a rápida deslocação dos

exércitos. Por exemplo, no auge da sua extensão territorial (no século II com Trajano) o alto comando imperial dispunha de um imponente músculo militar: um total de 27 Legiões. Localizadas em regiões instáveis ou fronteiriças do império, a esmagadora maioria destas Legiões não estavam separadas entre si mais de nove dias de marcha. Esta disposição geográfica permitia uma flexível re-alocação de forças em caso de necessidade. Mas, devido à existência de um sofisticado sistema nervoso a reacção seria também iluminada e consciente: tratava-se de um sistema de comunicação composto por mensageiros imperiais apoiados numa rede de estábulos a cada 40 quilómetros com cavalos frescos e outros cavaleiros. Ou,

seja o império estava construído como uma rede de reforço.

O duplo dividendo dos serviços gerados por essa capacidade instalada permitiram durante séculos repelir inimigos e prevenir a emergência de impérios rivais. A “Pax Romana”, uma paz pronta a todo o momento a transformar-se em guerra, ergueu-se simbolicamente como prosperidade económica.

A revolução industrial na terra, no mar e na guerra:

A “Pax Britannica” no longo século XIX

O Império Britânico, que se estabeleceu sem rival com o fim das guerras napoleónicas, dependia um conjunto de pontos de controlo estratégico espalhados pelo globo. Estes pontos críticos eram portos que serviam de plataforma para esse recurso fundamental que era a espinha dorsal do poder britânico: a supremacia naval (isto é, marinha de guerra) e marítima (marinha mercante). Os portos tornaram-se ainda mais importantes com as novas tecnologias da Revolução Industrial.

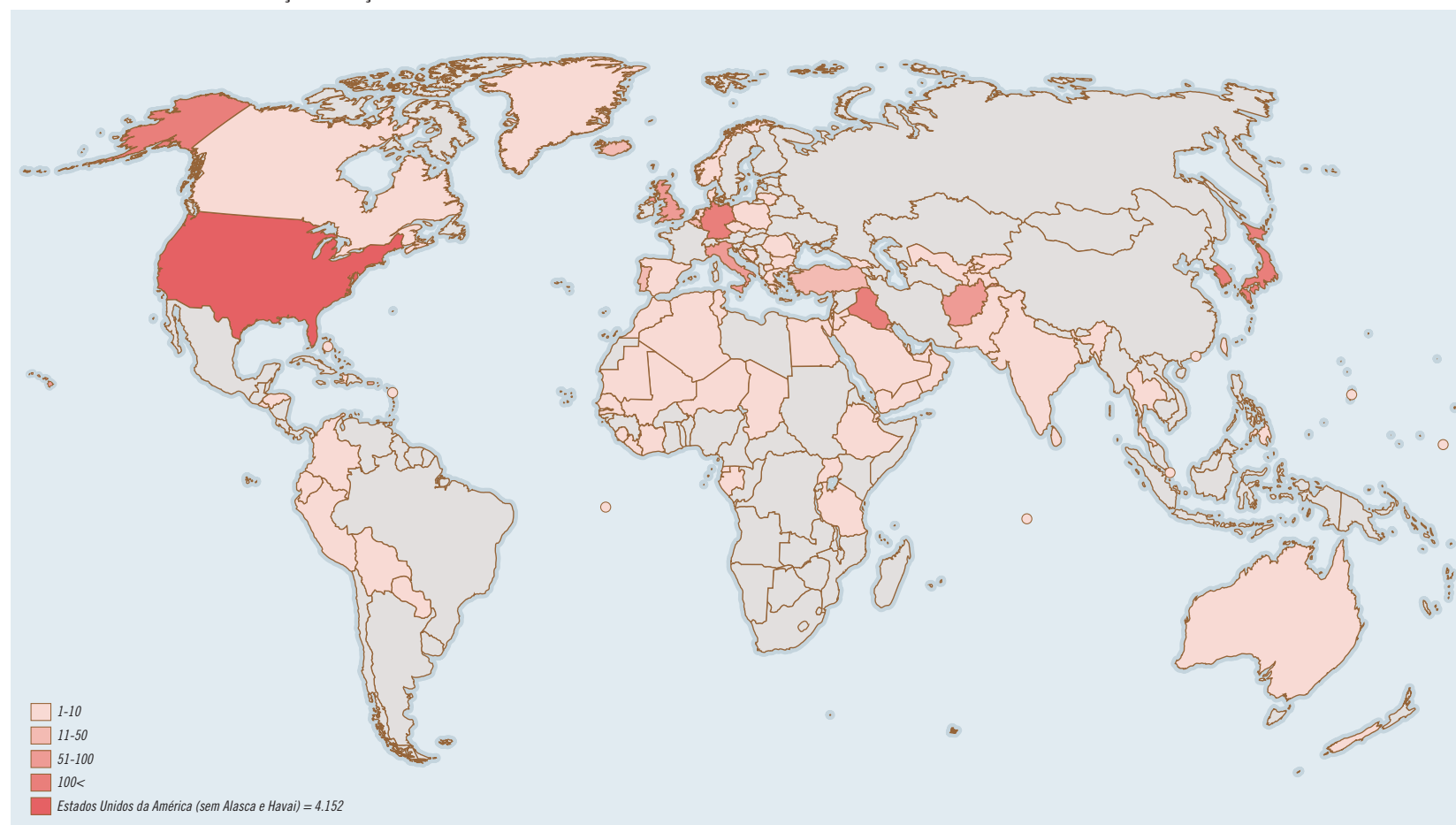
Poucos símbolos houve mais representativos do alcance global da arrogância victoriana do que o navio de guerra costeira a vapor: a canhoeira (*gunboat*). Desde a guerra da Crimeia (1853-56) até à véspera da Primeira Grande Guerra (1914-18) este foi o principal instrumento de diplomacia naval dos britânicos. As canhoieiras eram a força policial do império. Garantiram que a Índia permanecia sob controlo, que China continuava minimamente aberta ao comércio, e mesmo que países europeus se conformassem aos interesses coloniais Britânicos (como no caso do Mapa Cor-de-Rosa). Esses portos não eram apenas bases navais, mas sobretudo estações de reparação e abastecimento (com carvão e água fresca para as caldeiras) para os modernos paquetes e para os navios de carga movidos a vapor e com casco de metal. As estações de carvão espalhadas pelo mundo eram a infra-estruturas chave do império, e estas eram incessantemente servidas por uma miríade de pequenos, discretos e infatigáveis navios-carvoeiros que desde as minas da Cornualha garantiam que o novo mecanismo de comer-

BASES NAVAIS BRITÂNICAS EM USO DURANTE O SÉCULO XIX



Fonte: A. Preston e J. Major (1967) — *Send a Gunboat! A Study of Gunboat and its Role in British Policy, 1854-1904*. Londres: Longmans.

EQUIPAMENTOS E BASES AO SERVIÇO DE FORÇAS NORTE-AMERICANAS NO INÍCIO DO SÉCULO XXI



Fonte: D. VINE (2009) — *Island of Shame: The Secret History of the US Military Base on Diego Garcia*. Princeton: Princeton University Press.

cio mundial funcionasse pela primeira vez como um relógio, pela primeira vez independente de ventos e marés, dos caprichos e amuos da natureza.

Ou seja, os portos eram instrumentos de duplo-uso: bases militares e placas

giratórias do comércio transcontinental. A importância desta rede só aumentou com a abertura do Canal do Suez em 1869 e com a disseminação do telégrafo. Nunca como então o sistema imperial britânico esteve tão interligado ... e foi então que, ao virar

da esquina para o século XX, a América emergiu como nação mais poderosa do planeta.

Medir o envolvimento militar global dos EUA: bases fixas e bases móveis

No início do século XXI os EUA têm ainda prontos os instrumentos pesados da sua presença no tabuleiro de xadrez mundial que haviam sido postos em acção durante o século XX, nomeadamente bases militares e uma armada operacional em todos os oceanos. O esforço militar norte-americano não tem hoje em dia paralelo no mundo. A queda dos impérios tem sido muito discutida entre historiadores e, embora o debate prossiga, um consenso mínimo é que o desequilíbrio entre compromissos político-militares e sustentação económica-financeira acelera o processo de erosão da posição imperial. Neste contexto Paul Ken-

nedy, no seu livro de 1987 *The Rise and Fall of Great Powers* (p. 539), escreveu: «... military 'security' alone is never enough. It may, over the shorter term, deter or defeat rival states ... [b]ut if, by such victories, the nation over-extends itself geographically and strategically; if, even at a less imperial level, it chooses to devote a large proportion of its total income to 'protection,' leaving less for 'productive investment,' it is likely to find its economic output slowing down, with dire implications for its long-term capacity to maintain both its citizens' consumption demands and its international position.» Hoje os EUA têm 4,5% da população, comandam 20% da economia mundial e pesam 50% no orçamento mundial de defesa. Esta observação leva à primeira questão deste novo século e à última deste texto: até quando as instituições e estruturas geopolíticas herdadas do século passado poderão ser asseguradas? ■

NAVAL COALITION WARFARE: FROM THE NAPOLEONIC WAR TO OPERATION IRAQI FREEDOM. EDITADO POR B. ELLEMAN E S. PAINE, ROUTLEDGE, LONDRES, 2008

Símbolo tangível do "hard power" norte-americano: um típico porta-aviões da classe Nimitz com um comprimento de quase cinco campos de futebol, 70 metros de largura, 20 andares de altura. Uma cidade com 6000 pessoas, com a diferença de que está em movimento. Uma frota chefiada por um porta-aviões custa 20000 milhões de dólares, ou seja o orçamento anual de defesa de um país como a Itália. Os EUA ao todo dispõem de 14 frotas oceânicas chefiadas por porta-aviões. Desde as guerras napoleónicas passando pela crise dos mísseis de Cuba, o papel da marinha de guerra em tempo de paz tem assente sobretudo no seu poder não-ofensivo: dissuasão, coerção não-violenta e bloqueio. Ou seja, têm permanecido como um instrumento importante de "diplomacia" contra agendas rivais, mas também de consolidação de alianças por via de exercícios conjuntos (como a NATO) e de entrada em cena de países emergentes (como a China por ocasião do controlo da pirataria ao largo do corno de África).